



As representações para/ do público no telejornalismo local: um olhar sobre a negociação de identidades no fluxo do discurso audiovisual¹

Iluska Coutinho²
Jhonatan Mata³

Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF

Resumo: As lutas simbólicas pelo reconhecimento têm na atualidade a comunicação como palco privilegiado. Neste contexto, as narrativas televisivas se transformam em recursos simbólicos que podem orientar a formulação de representações e identidades. A questão que daqui decorre e é foco deste trabalho consiste em analisar o papel específico que pode caber ao telejornalismo local neste trabalho reconstitutivo. Tendo como recorte empírico o Telejornal da Alterosa Edição Regional em Juiz de Fora, nossa proposta é compreender os modos pelo quais o telejornal tenta construir laços de pertencimento com seu público. A partir das reflexões de Berger e Luckmann sobre o sistema representacional, interessa-nos analisar a participação popular inserida nessa narrativa, por meio da observação das nuances discursivas empregadas pelo telejornal para “afinar-se” com seu público.

Palavras-chave: telejornalismo local; audiovisual; representação; identidade; público

Considerando a realidade humana como uma realidade socialmente construída, Berger e Luckmann problematizam as condições em que ocorre tal processo. Para além da análise puramente científica ou filosófica, os autores se propõem a discutir o conhecimento na vida cotidiana sob um viés fenomenológico-descritivo, embora reconheçam as limitações de todos os métodos mencionados. Dentre as diferentes configurações de realidade possíveis, a vida cotidiana é eleita como predominante por sua posição privilegiada de “realidade por excelência” (BERGER e LUCKMANN, 1985,p38). Trata-se de uma realidade objetivada, que ordena o mundo e os objetos antes de mim e que depende ainda das relações intersubjetivas, de um mundo partilhado com outros homens. Nesta perspectiva, não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros- haveria uma contínua correspondência entre meus significados e seus significados neste mundo que partilhamos em comum.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do PPGCOM e do departamento de Jornalismo da Facom, Universidade Federal de Juiz de Fora. Jornalista, mestre em Comunicação e Cultura (UnB) e doutora em Comunicação Social (Umesp), com estágio doutoral na Columbia University (NY). iluska@uol.com.br

³ Jornalista, mestrando do PPGCOM da UFJF na linha “Comunicação Identidades” e integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Identidade e Cidadania (CNPq). Participa da pesquisa “*A incorporação do público no telejornalismo*” e do projeto de extensão em interface com a pesquisa “*Comunicação para a Cidadania*”, com apoio da Fapemig. jhonatanmata@yahoo.com.br



Talvez aqui esteja um dos apontamentos da obra que mais nos interessa em nossas reflexões sobre telejornalismo local e representação do real: atrela-se a construção da realidade à vida cotidiana, que, de acordo com nossa hipótese, tem boa parte dessa “realidade” permeada pela narrativa telejornalística e seus discursos de objetividade e compromisso com o “real”. Nesse contexto, os demais campos finitos de significação (como nos “outros mundos” do teatro, dos sonhos, das teorias, da experiência estética e religiosa) passam a ser considerados desvios do “real padrão”. A realidade da vida cotidiana aparece, inclusive, subsidiando interpretações e mesmo traduções para esses outros mundos, que exigem transformações radicais na tensão da consciência.

A relação com o outro na vida cotidiana - e também no telejornal - é constantemente alicerçada nas tipificações, nas quais lidamos com os outros através de modelos pré-estabelecidos, que determinarão nossas ações nas situações. A linguagem também pode funcionar como elemento tipificador de experiências, na medida em que vivemos num mundo onde os sinais e símbolos, com destaque para a dimensão simbólica da TV, constroem esquemas de classificação que ordenam nossas experiências sociais.

Os autores, ao abordarem a questão da linguagem, ressaltam seu poder de tornar presentes objetos que estão espacial, temporal e socialmente ausentes do aqui e agora, de atualizar e re-atualizar o mundo a qualquer momento. Ela torna presente a mim não somente os semelhantes que estão fisicamente ausentes no momento, mas indivíduos no passado lembrado ou reconstituído, assim como figuras imaginárias no futuro.

Partindo para uma análise da sociedade como realidade objetiva, cabe destacarmos que, ao contrário dos outros animais, o desenvolvimento orgânico do homem estende-se para um período pós-fetal. Isso quer dizer que o processo de “tornar-se homem” é viabilizado em correlação com o ambiente (natural e humano). Importa-nos, aqui, a contínua interferência social já no início de seu desenvolvimento orgânico, o que entrelaça a humanidade do homem com sua socialidade. Ou, conforme preferem Berger e Luckmann “O Homo sapiens é sempre, e na mesma medida, homo socius”.(BERGER e LUCKMANN, 1985,p.75).

Transcendendo as questões biológicas, a ordem social é analisada sob a ótica da institucionalização, que molda ações humanas de acordo com padrões. Tornar rotina certos procedimentos, (o que posteriormente poderá institucionalizá-los) reduz os “modos de fazer” determinada ação. O que é vantajoso na medida em que se estreitam opções e liberta-se o indivíduo de ter que apelar para um acervo de “opções a serem tomadas”, já que pré-existe uma decisão padrão. O hábito torna desnecessário que cada situação seja definida novamente, etapa por etapa.



Ao podermos predizer as ações do outro liberamos espaço para a inovação. Esse processo faz com que retornemos novamente à tipificação, aqui dos desempenhos de um indivíduo e dos outros. Os outros passam a ser encarados como executantes de ações objetivas, recorrentes e repetíveis por qualquer ator. Quando se parte para uma classificação do eu atuante como tipo e não como indivíduo único, atribuímos um papel a esse “eu”, conferimos aos papéis o poder de representar a ordem institucional.

O indivíduo não nasce membro da sociedade. A interiorização da realidade é um processo dialético, no qual se confrontam, constantemente, a identificação com os outros e a auto-identificação. Os autores apontam para o fato de que, uma vez socializados, todos os homens são traidores de si mesmos, já que constantemente tem sua identidade e seus diferentes “eus” colocados à prova, num mundo (ou em mundos) de realidades e significados cambiantes ou mesmo discordantes. No caso do telejornalismo local, foco deste trabalho, veremos que os diferentes discursos empregados por uma emissora de TV em seu programa noticioso nos dão pistas de que essa “realidade” também é socialmente construída. E ainda de que a mesma varia de acordo com a linguagem empregada, com a tematização dos problemas na agenda pública, na tipificação de personagens que compõem as matérias e por meio da cambiante relação discursiva que a emissora tenta manter com seu público ao longo de cada edição.

O Jornal da Alterosa Edição Regional

O Jornal da Alterosa Edição Regional, no ar desde o ano 2000, é o único telejornal diário produzido atualmente pela emissora Alterosa⁴ em Juiz de Fora e tem cobertura de 129 municípios. Com relação à linha editorial, a influência da emissora da capital (que também era influenciada pelo programa da matriz Aqui Agora⁵) foi fundamental para a implantação do Jornal da Alterosa Regional e para dar o “tom” sensacionalista inicial de sua cobertura dos fatos.

⁴ A TV Alterosa é afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) em Minas Gerais. Além de Belo Horizonte, Divinópolis, Varginha e Juiz de Fora são os municípios com sede da TV Alterosa. As três emissoras do interior são dirigidas por Gleizer Naves. As afiliadas imprimem em suas produções características populares, ao estilo da emissora de Sílvio Santos.

⁵ Um dos programas mais polêmicos da televisão brasileira, o Aqui Agora é visto por pesquisadores como uma transposição do jornalismo popular de rádio para a televisão. Trata-se da recriação do programa “O povo na TV”, mesclado com programas policiais de rádio. A utilização do plano-sequência, onde a câmera permanece ligada o tempo todo e confere um ar de realismo à produção, foi marca registrada do programa. Com reportagens sensacionalistas, o Aqui Agora obteve picos de audiência nunca atingidos por programas jornalísticos do SBT. Extinto em 1997, deixou seguidores, como os programas Cidade Alerta, da Rede Record e Brasil Urgente, da Rede Bandeirantes.



Veiculado de segunda a sábado no horário do almoço (11:50), tem duração média de 25 minutos. A equipe conta com oito profissionais fixos⁶, escalados nas funções de apresentador, produtor, editor e cinegrafistas. Juntamente com o MGTV 1ª e 2ª edições, telejornais diários produzidos pela TV Panorama, afiliada da Rede Globo em Juiz de Fora, essas são as possibilidades apresentadas aos tele-espectadores do município e da região de se assistirem por meio de um telejornal. O público⁷ do Jornal da Alterosa Regional é formado prioritariamente por pessoas das classes C, D e E, em especial mulheres na faixa etária dos 20 anos.

Nossa pesquisa conta com dois pontos-chave de análise: o recorte empírico de oito edições do Jornal da Alterosa, sob o comando da então editora Gilze Bara, veiculadas no período de 27/05/08 e 06/06/08⁸, e o recorte de sete edições exibidas entre os dias 20/05/2009 e 07/06/2009, onde analisamos o “momento discursivo” atual do telejornal, marcado, como veremos adiante, pela volta da “assinatura discursiva” da ex-integrante Elizângela Baptista, agora nas funções de editora e apresentadora.

2008: Crianças, jovens e policiais como mantenedores da ordem- (e do discurso)

Na nossa análise, que tem como recorte empírico oito edições veiculadas entre os dias 27/05/08 e 06/06/08, a valorização dos fait-divers⁹ e das mazelas continua. Essa idéia é reforçada pela então editora regional Gilze Bara, em entrevista realizada durante esta fase de pesquisa de campo:

Na verdade interessa o que a gente sabe contar. Um assassinato. Ele pode ser matéria ou não (...) Às vezes falamos em assassinato. Mas o que aconteceu? A pessoa chegou, deu um tiro na outra e a outra morreu. Mas agora, é um assassinato de um adolescente, dentro de um cemitério, em São João Nepomuceno. Tem história. Tem pelo menos alguma coisa estranha nisso. A pessoa vai querer saber, não tenha dúvida (BARA 2008)

Entretanto, é nítido o distanciamento desse estilo “SBT” que marcou o início do Jornal da Alterosa com o perfil que o programa assumiu ao longo de oito anos de existência.

⁶ A equipe do Jornal da Alterosa, Edição Regional é formada pela Editora Regional e apresentadora Elizângela Baptista, pela produtora Regina Ramalho, pelos repórteres Evandro Medeiros e Michele Pacheco, pelos cinegrafistas Robson Rocha e Marco Fagundes e pela Editora de Imagens, Kelly Scoralick.

⁷ A definição de público da emissora foi repassada pela então Editora Regional, Gilze Bara, em entrevista ao autor, no dia 14/06/08.

⁸ A análise da participação popular deste recorte empírico culminou no trabalho de conclusão de Curso intitulado “A voz do povo é a voz de Deus? Participação popular no telejornalismo local” (MATA, 2008)

⁹ A expressão francesa fait-divers não tem correspondente exato em português. Designa a rubrica sob a qual os jornais publicam os acidentes, os pequenos escândalos cotidianos, ocorridos por coincidência ou causalidade. É preciso incluir aqui todos os acontecimentos importantes tributários de um objeto prosaico, humilde, familiar, que geram manchetes do tipo “Velho estrangulado pelo cordão de seu aparelho de mp3” ou “Pescadores mineiros pescam uma vaca”.



Dentre outros fatores, as figuras do apresentador e dos repórteres podem ser apontadas como a mais significativa alteração do tipo. O âncora não mais correspondia à típica e inicial figura participativa, que emitia opinião e era autorizado a defender a linha editorial do jornal. Pelo contrário, tornou-se, neste período, um condutor, geralmente impessoal, cuja função principal é ler as notícias e abrir passagem para outros “protagonistas”, como repórteres e os personagens que irão compor as narrativas. O repórter, ao encerrar a matéria, também deixou para trás o conhecido clamor às autoridades, ou devidos responsáveis, para a resolução dos problemas/ conflitos expostos. Presente em matérias de prestação de serviços, o recurso era típico do Aqui Agora e também do Jornal da Alterosa de Belo Horizonte no passado.

Outra mudança estrutural surgiu como experiência em Varginha, proposta pelo diretor geral da Alterosa Gleizer Naves. Transposta em 2008 para o Jornal da Alterosa de Juiz de Fora, trata-se da inserção de cabeças gravadas fora do estúdio, ao ar livre em Juiz de Fora e região. Dessa forma a chamada das matérias é dividida entre repórteres em externa e a apresentadora em estúdio. A idéia, embora desagradasse a editora regional Gilze Bara, pelo tempo que demanda de repórteres e do editor de imagens, tenta aproximar telejornal e vida cotidiana e é explicada como uma estratégia de “mostrar que a gente está na rua, onde as coisas estão acontecendo (BARA 2008)”.

Durante a análise das oito edições selecionadas como corpus desta etapa de pesquisa, uma das primeiras constatações foi a escassez de um tipo de material que parecia, a princípio, abundante de acordo com a descrição efetuada por Reis: as matérias onde ocorria a representação de crimes. Esse tipo de produção, que geralmente vem acompanhada de elementos típicos da narrativa, com direito a cenários, mocinhos, vilões, mediadores, referências temporais, dentre outros recursos dramáticos, que, supostamente, poderiam subsidiar nossa busca pela caracterização popular na telinha local, ocorreu por três vezes, abordando um mesmo assunto- o assassinato de um jovem num cemitério- em meio às 118 inserções informativas entre matérias, chamadas e notas veiculadas no período¹⁰.

É conveniente atentarmos para o fato de que, o que foi percebido em nossa análise de 2008 se concentra na diminuição de cobertura visual dos fatos e, conseqüentemente, da

¹⁰ Trata-se de uma nota coberta sobre os desdobramentos do caso de Assassinato de um adolescente no Cemitério do município de São João Nepomuceno, por um jovem de 19 anos (24/05/08). O fato é o mesmo apontado pela Editora Regional deste período na seção anterior como um acontecimento que “tem história”. E, realmente, a “história” rendeu capítulos para outros três dias, além do dia de divulgação da notícia (segunda-feira, 26/05). Planos fechados do caixão do jovem, de sua mãe beijando o caixão, do local onde o corpo foi encontrado, dos túmulos ao redor do local do crime, de marcas de palmas das mãos ensangüentadas e de tufo de cabelos da vítima e do agressor - indicando que houve luta corporal - ilustram a narrativa em off, que detalha o crime nas notas cobertas. Segundo as informações repassadas pelo telejornal, o adolescente teria sido vítima de um ritual pagão.



participação popular nas notícias caracterizadas como policiais, sobretudo as que envolvem fait-divers. Isso não significa que a presença desse tipo de notícia esteja em declínio no telejornal.

Durante a pesquisa, observamos nas oito edições a divulgação de 37 notas “negativas” lidas em estúdio e sem imagens externas, em contraste com sete notas positivas, o que equivale à média de 4,62 inserções de notas sobre crimes, assassinatos, atos de vandalismo, pautas resultantes sobretudo da ronda policial feita pelos produtores do telejornal diariamente. Para nossa análise, tomamos como negativas informações que incluíam crimes e acidentes (principalmente nas rodovias da região). Já as notícias “positivas” concentram basicamente inserções informativas sobre eventos, boas iniciativas e projetos. A restrição na cobertura visual das tragédias cotidianas, das denúncias de crimes, típicas do telejornalismo do SBT e de suas afiliadas no início da década, é justificada pela Editora Gilze Bara pela delicadeza de apuração, que exigiria uma equipe maior.

Restrições financeiras e/ou ideológicas à parte, outro dado levantado é que, sob a forma dessas mesmas notas ao vivo¹¹, que geralmente não ultrapassam 30 segundos, é que a população da região (à exceção da cidade pólo que é Juiz de Fora), mesmo não se “vendo” na telinha tem o nome de seu município propagado através das emissões catódicas. Os crimes são geralmente descritos com riquezas de detalhes, permitindo ao telespectador o exercício imaginativo da “estória” que é contada, principalmente das ações dos personagens envolvidos. A representação do povo por meio de imagens, entretanto, ficou restrita aos desdobramentos do “Assassinato no Cemitério de São João Nepomuceno”. As observações reforçam nossa tese sobre o caráter localizado de produção de notícias das emissoras que se intitulam regionais em Juiz de Fora ou do jornalismo de proximidade praticado pelas emissoras de interior, como aponta Iluska Coutinho(2008).

As crianças e adolescentes desempenham uma função importante quanto à representação do povo de Juiz de Fora e região no noticiário estudado neste período.

Ao categorizar como “praticamente infinitos” os valores-notícia¹², que são os critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção das notícias, Alfredo Vizeu adianta que todos esses aspectos devem ser trabalhados de uma forma

¹¹ Contabilizamos 11 produções do tipo, abrangendo temas cujas cabeças¹¹ incluem, no período analisado(ano de 2008), as seguintes construções “Assassinato em Eugenópolis(30/05)”, “Banco arrombado em Fervedouro(30/05)”, “Bomba explode em Banco de Cataguases(31/05)”, “Mulher de Carangola é presa” (02/06)“Apreensão de cd’s piratas em Muriaé(02/06)”, “Acidente na BR116 em Leopoldina(03/06)”, “Maus tratos com aposentado de Muriaé(04/06)”, “Homem morre esfaqueado em Tocantins” (05/06), “Assassinato em Viçosa” (05/06, “Caminhoneiro vira refém na BR116 em Leopoldina” (06/06), “Motociclista derrapa na estrada em Bicas”(06/06)

¹² Importância, interesse e atualidade são exemplos de categorias referentes aos valores-notícia. Para outras informações sobre a conceituação de valores-notícia, consultar “O Lado Oculto do Telejornalismo”, de Alfredo Vizeu.



equilibrada e que “um jornal não pode apresentar apenas informações positivas e alegres ou, exclusivamente, informações negativas e tristes. O noticiário busca sempre um equilíbrio entre ambos os elementos porque ‘assim é a vida’[grifo do autor]” (VIZEU, 2005. pp28-29).

No telejornal da Alterosa, o equilíbrio diante da predominância das notas “negativas” ao vivo se reflete na produção das matérias (com imagens). Nestas, vigoraram, no período que recortamos, as matérias consideradas “do bem”, nas quais, principalmente as crianças e adolescentes ilustravam boas iniciativas, projetos bem sucedidos, as coisas “positivas e alegres” da vida, conforme anunciou Vizeu. A observação também é compartilhada pela Editora Gilze Bara quando afirma que o público “tem gostado de coisas que saiam um pouco da realidade do jornalismo de televisão, que é mostrar o factual, as coisas difíceis, pesadas, as tragédias”. (BARA 2008).

Num universo de 41 matérias produzidas pelo Jornal da Alterosa, em nosso recorte empírico, 34 abordavam temáticas amenas, sendo que destas, 31 envolviam a participação popular na construção da narrativa, com 16 matérias incluindo crianças e adolescentes no vídeo. As outras sete produções apresentavam temáticas trágicas ou tristes, ou as hard news na concepção de Susan Allen, e se voltavam sobretudo para a necessidade de solução de problemas com a prestação de serviços públicos. Nas sete matérias “difíceis”, em quatro houve participação popular como personagem/povo fala.

Começamos pela contribuição das crianças como heróis e/ou mocinhos nas notícias boas, no papel de personagens ou povo-fala. São elas que apontam “a Juiz de Fora que querem”, sem poluição, com menos violência feliz e alegre, no povo fala da matéria de 31/05, sobre o aniversário da cidade; aprendem a conviver com o diabetes (02/06); são a esperança da cidade e orgulho dos pais ao se esforçarem nos treinos para o Festival de Ginástica de Trampolim (03/06); embarcam no mundo das palavras, no Festival de Leitura (04/06); dão lição de cidadania participando de Gincana Ambiental (05/06).

Médicos e nutricionistas aparecem como mediadores, recomendando tratamentos e explicando sobre o diabetes, enquanto as crianças mostram-se guerreiras de otimismo. Lutando contra uma doença associada a adultos, com as privações impostas nas festas de aniversários e convivendo com traumas ainda maiores, como a morte do pai, os heróis nessa seleção audiovisual se assemelham aos heróis da tragédia grega. Ambos são postos em situação de ter que enfrentar os desígnios da fatalidade e do destino. E, quanto mais



se acrescentam desafios a esses personagens nos seus esforços por ultrapassar os obstáculos, mais parece crescer sua própria força.

Partindo para o “mundo de gente grande”, encontramos, nas matérias com participação popular, exemplos de superação de limitações e, sobretudo, anseios dos personagens pelo restabelecimento da ordem, principalmente em problemas de bairro.

A superação é representada na matéria que tratava da “Seletiva para a III Jornada de Inclusão da Pessoa com Deficiência em Juiz de Fora”. O evento, promovido pelo Governo do Estado, abre espaço para grupos e pessoas deficientes da região apresentarem trabalhos ligados à arte. A identificação com o telespectador é buscada pela simpatia com os deficientes e a superação de seus obstáculos. O personagem-herói Wanderlei Silva, é apresentado da seguinte forma ao público no off do repórter que abre o VT: “Wanderlei é cego desde que nasceu. E a paixão pela música chegou muito cedo também”. Wanderlei continua em depoimento inserido a seguir: “Eu comecei desde os seis anos de idade com acordeon. Aí depois fui pro teclado porque eu toco de ouvido, né?” .

Um vilão abstrato - o poder público - aparece na matéria de 02/06, na qual um morador da Zona Norte de Juiz de Fora, o servente de pedreiro Élcio José de Moraes, sofre com os transtornos causados pelo desabamento do muro de sua casa. Na chamada, a repórter adjetiva como demorado o posicionamento da Defesa Civil, ao declarar que “O transtorno já dura mais de dois meses”. O servente utiliza a TV como púlpito e profere seu discurso de indignação.

Deu uma chuva na parte da tarde, era umas sete horas da noite. Aí eu estava trabalhando. Cheguei em casa era umas sete e meia. Veio minha esposa, estava até passando mal, já tinha tomado até um copo de água doce que a vizinha deu ela ali, e o barranco desceu. E a gente tá esperando a prefeitura tomar uma providência, que tire a terra. Eles falam que tiram, mas nunca tiram.

A apresentadora encerra o texto no estúdio com uma nota pé que demonstra uma tentativa de superação do conflito narrativo: “Nós entramos em contato com a Assessoria de Imprensa da Defesa Civil para saber as providências que podem ser tomadas, mas não tivemos retorno”.

A matéria tem a quase totalidade de seu tempo preenchida com a revolta de Élcio, explicitada em três sonoras. Cerca de 95% de matérias de bairro como estas são sugeridas pelos telespectadores, predominantemente através de telefonemas e



reclamações na portaria da emissora, de acordo com a editora Gilze Bara, que reconhece o tom assistencialista desse tipo de produção.

As matérias de bairro são muito freqüentes. A gente sempre faz. Isso é até uma coisa complicada, porque muitas vezes eles só conseguem resolver as pendengas deles depois que aparecem na TV. Não é nosso papel resolver as coisas, mas quando é uma coisa que tem a ver, que afeta uma comunidade, a gente mostra. (BARA 2008)

Rua sem calçamento, terreno baldio que está cheio de bichos, mato alto, córrego sem canalização são os assuntos mais sugeridos pelo telespectador, embora não haja, por parte da emissora, a contabilização daquilo que é sugerido pelo povo, como número de ligações, visitas ou e-mails.

A posição da polícia como entidade mantenedora da ordem cumpre papel significativo na construção do discurso de todas as edições analisadas. A palavra polícia¹³ (acompanhada ou não de imagens) aparece 53 vezes nas edições de nosso recorte, fornecendo uma média de 6,62 inserções por edição. Esse apontamento converge com a tentativa de valorização da figura clássica da polícia mineira como mantenedora/restabelecadora da ordem, e do próprio discurso de mineiridade apontado por Musse (2006). A “mineiridade”, neste contexto, é fruto de um discurso produzido no final do século XIX e início do século XX, cujo objetivo era constituir uma Minas Gerais unificada, que tinha como mitos fundadores as noções de (auto) prudência, conciliação, equilíbrio e a unidade do estado. Ou, na concepção de tipificação de Berger e Luckman o telejornal, ao tipificar a polícia tenta reunir toda a classe em uma “ordem geral de significados”.(BERGER e LUCKMANN, 1985,p59)

2009 - O medo ronda a cidade: o discurso do risco iminente

Já foi exposto que a linguagem, embora tenha origem na situação face a face, pode ser facilmente destacada desta. Torna-se, desse modo, repositório objetivo de vastas acumulações de significados e experiências ao longo do tempo. Na análise das sete edições de 2009 do Telejornal da Alterosa, a busca de identificação com o público parece se firmar numa linguagem estabelecida na apropriação do senso comum dos discursos de medo e apreensão, componentes essenciais da vida cotidiana. A força das palavras utilizadas a cada edição nos dá a dimensão desta estratégia.

Apresentadora e repórteres, agora em postura opinativa, colocam-se em posição de “defesa” do cidadão, do “povo” (e da “nova” linha editorial do jornal), e, junto com as

¹³ Por equivalência de significados, além da palavra polícia, foram contabilizadas as palavras “PM” (referente à Polícia Militar), policial, policiais e polícias.



entrevistas dos “populares” recheiam as matérias de expressões carregadas de potencial simbólico para nossa hipótese de “discurso do risco iminente”. Palavras como preocupação, susto, polêmica, perigo, medo e apreensão, acompanhadas de vasta gama de adjetivos, se repetem ao longo de todas as edições de nossa análise.¹⁴ Nas escaladas, para exemplificarmos, a âncora destaca, “O Jornal da Alterosa de hoje traz a *polêmica* da Lei do Tabaco”(01/06), “Uma discussão que *vem crescendo* a cada dia. Como proteger seu filho de abuso e assédio sexual? Vamos mostrar a *preocupação* das mães que dizem viver essa realidade com seus filhos” (02/06) “O Jornal da Alterosa mostra hoje o *perigo* das paralisações. Educação, saúde e até os rodoviários *ameaçam* cruzar os braços” (20/05) e “O Jornal da Alterosa discute os limites, os *riscos que ameaçam* os nossos adolescentes e a nossa sociedade”. (22/05).

Na escalada do telejornal de 29/05, a atual apresentadora e editora Elizângela Baptista anuncia que “O jornal da Alterosa de hoje destaca a *preocupação* das famílias de pacientes psiquiátricos. A ordem de fechamento de dois hospitais em Juiz de Fora vem do Ministério da Saúde, mas a *apreensão é grande*. Vamos ver também que em *menos* de doze horas Juiz de Fora registra três assassinatos”. Já no corpo da matéria, a apresentadora adverte que “A *polêmica* do fechamento do hospital psiquiátrico mobiliza a população, especialmente os familiares dos pacientes. A grande *preocupação* agora é com o destino dos internos”. A repórter abre a matéria ressaltando que “a presidente da Associação de familiares de pacientes psiquiátricos acompanha as discussões e está *preocupada* com o remanejamento dos internos”. A presidente da associação, Irene Vitorino, na condição de povo-fala, sacraliza o discurso do risco e, além de prometer “chamar a polícia” caso veja algum paciente “na rua”, completa que “o paciente em crise não sabe o que está fazendo”. Ainda segundo a repórter, (que tenta re-atualizar o passado relembrando casos antigos em que pacientes “foram retirados de hospitais e entregues à própria sorte”) a presidente da Associação estaria “mobilizando a sociedade para *evitar que algo parecido se repita*”. A jornalista anuncia a fala de mais uma popular que tem um filho com problemas psiquiátricos e “*teme* a superlotação nos hospitais com a transferência dos pacientes”. Doralice Franco, mãe do paciente lança com veemência suas angústias: “Para onde vão ser mandados esses pacientes? Pra nossa casa? não tem a menor condição. A *preocupação* é imensa. Muito grande. É *preocupante* mesmo”.

Por meio de um telão, outro aparato implantado em 2009, e utilizado diariamente pelo telejornal, a apresentadora em estúdio dialoga ao vivo com os repórteres e também lança seus questionamentos e observações sobre o que é noticiado. Nesta matéria,

¹⁴ Privilegiaremos os recortes de matérias mais significativos, pelas dimensões de espaço deste trabalho.

Baptista sentencia ao repórter que “*Toda mudança é motivo de preocupação, mesmo, né?*” E se coloca como defensora dos anseios do telespectador/população com a seguinte dúvida: “A gente vê que o *grande medo* dos entrevistados é com a questão da superlotação. Como é que fica isso?” O repórter repassa a pergunta ao gestor de Saúde Mental de Juiz de Fora, José Amorim, que, na contramão da narrativa, suplanta o medo da seguinte forma “Não existe superpopulação nos hospitais psiquiátricos da cidade”, além de explicar a associação entre deshospitalização e exercício da cidadania.

É interessante destacar outro recurso observado nesta e em outras produções de nossa seleção: o uso de imagens em mosaico ou com “luz estourada” e de alterações de voz, para preservar imagens de entrevistados. Típico do Aqui e Agora e de outras produções que tem no tom policial sua característica principal, o recurso foi utilizado por seis vezes: para dar voz a um paciente psiquiátrico que declara que “no hospital (...) eles me tratam como ser humano”. Para ocultar um jovem em situação de risco social que foi adotado (01/06) e narra sua vida trágica “Meu pai, minha mãe e minha vó vendia droga. Aí foi meu pai preso primeiro, depois minha mãe e minha vó. Ficou só meu tio em casa”. Também para apresentar o sofrimento de uma mãe cuja filha fora vítima de abuso sexual (02/06) e da amiga dessa mãe que declara que o molestador “ofereceu dois reais para ela tirar a roupinha. E as outras crianças estão relatando o mesmo fato”. Em estúdio, a apresentadora dialoga com a repórter sobre a importância da família e da comunidade nesses casos. A âncora adverte que “às vezes os meninos entram em casa, fecham a porta do quarto e não sabem o *perigo* que estão correndo”.

O discurso do risco iminente também foi encontrado em produções que escapam de matérias assistencialistas, presentes desde a implantação do telejornal. Figura, inclusive, numa produção tradicionalmente neutra como a previsão do tempo, onde a apresentadora frisa que “a chuva apareceu *de surpresa* na tarde de ontem e repetiu a dose nesta manhã e *surpreendeu* os juizforanos”. Em matéria de 29/05, sobre o dia de Santa Rita, após entrevistas com católicos, que falam sobre as homenagens à santa, a repórter contextualiza tragicamente a matéria, e convida a audiência para o exercício da subjetivação do sofrimento, informando, em off, que “antes de virar freira, Santa Rita *sofreu* com as *agressões* do marido e a *morte violenta* dos filhos, história muito parecida com a de mulheres de hoje”.

Percebemos, ainda, certa desconexão entre o teor informativo das escaladas com a notícia a que se reporta, privilegiando-se, intencionalmente ou não, o tom alardista do discurso. É o caso da escalada de 05/06, sexta-feira, que relata que “Uma pessoa deu entrada no HPS de Juiz de Fora com suspeita de estar com a gripe influenza A, a gripe suína”. Ao telespectador, cabe esperar “receoso” pela matéria completa, onde o

subsecretário de saúde esclarece, em 05/06, que “na quarta-feira (03/06) tivemos a confirmação de que realmente não era”. Em estúdio, a apresentadora completa que “se está descartada a possibilidade, a população com certeza fica mais tranquila”. Cumprer ressaltar que os comentários da apresentadora e seu diálogo via telão com repórteres e entrevistados, neste período, se restringem às *hard news*, assumindo uma postura de cobrança, alerta e indignação, deixando as matérias “leves” aos limites da expressão “Bacana”.

O papel da polícia como representação de proteção e ordem no discurso do telejornal mantém sua força na atualidade, em frequência similar à constatada em 2008. A diferença vem de um novo quadro inaugurado em 2009, intitulado “Ronda Alterosa”. Trata-se de uma espécie de boletim de cinco minutos que mostra (em matérias ou notas) as principais ocorrências policiais de Juiz de Fora e região. O som de sirenes de carros policiais abre a produção, onde a população extra-juizforana pode perceber a inserção de seus municípios nas notas em estúdio e agora também por meio de fotografias dos locais de crimes, incêndios e outras *hard news*, já que a cobertura continua tendo caráter localizado.

Entrevistados “assustados” e “preocupados”, nas adjetivações de repórteres e âncora ampliam o “raio de ação da tipificação”(BERGER e LUCKMANN, 1985, p54) em tentativa de estabelecer empatia/identificação com a audiência. Representando a voz do povo, os populares aparecem, exigindo, através da Ronda Alterosa, justiça e segurança das autoridades. Um deles é a companheira de Felisberto da Silva (29/05), Eliane Silva. Segundo o repórter, “ a mulher está assustada com a maneira como Felisberto foi morto”. Eliane profere seu discurso detalhando o ocorrido: “Foram 3 (homens) com pedaços de pau com pregos na ponta, pegaram ele, chamaram ele em casa para fazer isso com ele. Agora só quero que a justiça seja feita”. Percebemos neste ponto que os objetos descritos (pedaços de pau com pregos), enquanto objetos do mundo real tentam exprimir uma intenção subjetiva de violência, reconhecível por qualquer telespectador em seu exercício da subjetivação.

Em seguida, o repórter dialoga ao vivo com a âncora via telão, que o convida para “acompanhar aqui comigo mais um assassinato que nós vamos noticiar agora, ok?”. Nesta nota sobre um assassinato em Bom Jardim de Minas, de acordo com os dados da polícia “um rapaz teria “cantado” uma mulher numa praça da cidade”. A mulher, presa em flagrante, teria reagido ao ocorrido esfaqueando o homem no peito. Em estúdio, a apresentadora encerra a nota comentando, em tom de ironia (sobre a suspeita) de que “essa é nervosa mesmo”. Os jovens, que em nossa análise de 2008 figuravam na

narrativa do telejornal sustentando um discurso de renovação, positivismo e esperança, superando obstáculos aparecem agora, principalmente na “Ronda Alterosa” como ameaça, com nuances nihilistas, corporificando o próprio risco no “discurso do risco iminente”. São eles que representam ameaça à segurança pública, em matéria de 01/06, onde o roubo de alimentos na geladeira de um posto de saúde no Bairro Santa Rita teria com principais suspeitos por “esse ato de vandalismo” – na voz da repórter- um “grupo de jovens e adolescentes que *não se dão muito bem* com as regras, com as leis”. Ou em matéria de 22/05, que mostra “A sociedade em perigo. Na linha de frente os adolescentes que agredem ou são agredidos. Que *perderam o limite* e buscam um novo caminho, que *não* apresenta direção. o que fazer? Acompanhe os casos *chocantes* que o Jornal da Alterosa já mostrou”.

Já aqueles jovens que “se dão bem com as leis”, ainda assim seriam motivo de preocupação para muitas mães, pelos casos de abuso sexual contra menores, que segundo o telejornal, estimulariam uma “discussão que *vem crescendo* a cada dia” e “são a cada dia mais corriqueiros, o que é *muito preocupante*”, o que exige que “os pais tenham que ficar em *vigilância* mesmo”(02/06).

As matérias leves surgem metodicamente ao final das edições, numa tentativa de amenizar o tom trágico que o telejornal desenvolve durante os dois primeiros blocos. Tratam de assuntos como “Follow up para bebês prematuros” (01/06), inauguração do Grande Hotel de Muriaé” (29/05) e “Feira de Flores de Holambra” (04/06). Ou a matéria de 06/06, sobre o Sítio Colinas, “um pedacinho do céu, uma prova de que *nem tudo está perdido*”.

Nossa hipótese de dramaturgia do telejornalismo, já confirmada em 2008, passa em 2009 a ser incorporada no próprio texto da apresentadora, que empresta termos da ficção para as chamadas do noticiário, como através do pedido de “Acompanhe a história (sobre matéria de assédio contra adolescentes em 02/06), ou “e mais um capítulo da novela dos rodoviários” (20/05). Nesta última matéria, que trata de uma possível greve dos profissionais do transporte coletivo em Juiz de Fora, além de diversos recursos dramáticos, onde a população aparece em povos-fala indignados, complementados com imagens de arquivos de outras paralisações, com a população agitada nas ruas, policiais de plantão e os ônibus parados, temos os discursos de apresentadora e repórteres instigando o medo. “O Jornal da Alterosa mostra hoje o *perigo* das paralisações.

Educação, saúde e *até os rodoviários ameaçam* cruzar os braços” “Professores e médicos de braços cruzados e para *piorar ainda mais* a situação surge a possibilidade de paralisação dos rodoviários”. Após a exibição de imagens de arquivo de outras greves, a



apresentadora conversa ao vivo pelo telão com a repórter, que indaga: “Já *imaginou* essa *confusão toda* de novo? *Não vai ser fácil não*”. A âncora completa “Você imagina bem, educação, saúde e agora o transporte. Como é que vai ficar? A cidade vai parar?”

Considerações finais

A identidade - e o poder legitimador da identificação - são fundamentalmente dependentes da sua colocação no contexto de um universo simbólico. Neste percurso no qual relacionamos tempo e fluxo discursivo no telejornal, foi possível perceber que as representações apresentadas pelo noticiário analisado são constantemente modificadas e reavaliadas. Recursos diversos surgem, são suprimidos e re-surgem ao longo desta “dança de símbolos” que, longe de afetar exclusivamente o telejornal analisado, seus editores e sua equipe, interfere na própria constituição da fluida identidade pós-moderna.

Um telejornal que surge tributário da matriz SBT e segue padrões discursivos do “Aqui Agora”, tenta incorporar ao longo do tempo, traços de mineiridade e de juizforaneidade para, mais tarde, trazer à tona recursos do passado “mítico” da emissora de Sílvio Santos. A ligação com o universo do popular, as matérias de denúncia e as narrativas do medo se incluem neste pacote. Dizer, de antemão, que o discurso do risco iminente apresentado estaria, de fato, “pré-ocupando” a população (ou o público) a que o telejornal se reporta seria trair nossa própria conceituação de uma audiência ativa e crítica, anti-frankfurtiana. O universo simbólico estabelece hierarquias diversas, da “mais real” até a mais fugitiva apreensão da identidade, o que nos exige, como próximo desafio, um trabalho aprofundando com a recepção anunciada. Assim sendo, nos é mais valioso adiantar e perceber que a “objetividade”, tanto da vida cotidiana, quanto do telejornalismo local, por mais maciça que nos apareça, é uma objetividade produzida e construída pelo homem. E transposta, como vimos, para as diferentes lutas simbólicas no Jornal da Alterosa. Noticiário que nos oferta, dentre muitas representações possíveis e observadas, ora uma narrativa da juventude como a encarnação da esperança, ora como responsáveis por nossas pré-ocupações. Em certos momentos tenta se afinar com seu público por meio de produções assistencialistas, para, em seguida, re-tomar o discurso da violência e do telejornal como “aquele que alerta”.

Noutras palavras, é importante acentuar que a relação entre telejornal e público (ou o mundo social como prefeririam Berger e Luckmann) permanece sendo uma relação dialética, onde ambos atuam reciprocamente um sobre o outro. Os subuniversos- como o subuniverso do telejornalismo local- exigem subsociedades- no caso a “Sociedade do Telejornalismo” como base objetivadora e negociam, no fluxo do discurso, a sua “realidade” a cada edição.



Referências bibliográficas

- BARA, Gilze. : **Gilze Bara**: depoimento [jun. 2008]. Entrevistador: Jhonatan Alves Pereira Mata. Juiz de Fora, 2008. 1 fita cassete (60 min): mono.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas- **A construção social da realidade**- Tratado de Sociologia do Conhecimento. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1985
- COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro**: a estrutura narrativa das notícias em TV. Tese de doutorado em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2003.
- _____. Telejornalismo e identidade em Emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento. In: VIZEU, Alfredo Eurico (Org.). **A Sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis:Vozes, 2008, p.91-107.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MATA, Jhonatan Alves Pereira. **A voz do povo é a voz de Deus?**Participação popular no telejornalismo local. Monografia. UFJF, 2008- Juiz de Fora
- MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano**: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.
- PALLOTTINI, Renata. **Introdução à Dramaturgia**: A Construção do Personagem.São Paulo:Ática, 1988.
- _____. **Dramaturgia**: A Construção do Personagem.São Paulo:Ática, 1989.
- _____. **Dramaturgia de TV**.São Paulo:Ática, 1998.
- REIS, Elisângela Baptista. **O assassinato da sogra**:uma representação da violência na TV Alterosa.Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Letras. Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2006.
- VIZEU, Alfredo Eurico. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis:Calandra, 2005
- _____. (Org.). **A Sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis:Vozes,2008.